

Interdisciplinaridade

José da Silva Ribeiro

Interdisciplinarity

Resumo: Esse artigo aponta para a necessidade de uma aprendizagem da transdisciplinaridade e de quanto ela exige de tempo, implicação e compromisso dos pesquisadores e de suas instituições. Destaca a idéia de transgressão contida na palavra, como também a define como o que está entre, através e além das disciplinas. Atividade liminar ou de passagem, a transdisciplinaridade é aqui descrita em diversas de suas características, apresentadas pela “Carta da Transdisciplinaridade” (nov./1994). Relata as reflexões que geraram o Projeto Tecnologias Digitais e Antropologia (TDA), desenvolvido em uma parceria Portugal-Brasil entre o CEMRI (Laboratório de Antropologia Visual da Universidade Aberta de Portugal) e o NuPH (Núcleo de Pesquisa em Hipermídia da Universidade Católica de São Paulo) e o Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie e todos os desenvolvimentos pretendidos, como uma práxis em germe da transdisciplinaridade.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Transdisciplinaridade. Reflexividade. Interculturalidade. Projeto Tecnologias Digitais e Antropologia.

Abstract: This article aims at the need of transdisciplinarity learning and to how much time and commitment it demands from both researchers and their institutions. It highlights the idea of transgression contained in the word, and also defines it as what is between, through and beyond the disciplines. Liminal or transitory activity, transdisciplinarity is here described in several of its characteristics, presented by the “Transdisciplinarity: Letter” (nov./1994). It reports the reflection which led to the creation of the Projeto Tecnologias Digitais e Antropologia (TDA), developed in a Portugal-Brazil partnership, between CEMRI (Visual Anthropology Laboratory of Portugal Open University) and the NuPH (Hypermedia Research Center of São Paulo’s Catholic University) and the Postgraduation Program in Education, Art, and History of Culture of Mackenzie Presbyterian University and all the intended developments, as a praxis in germ of transdisciplinarity.

RIBEIRO, José da Silva. Interdisciplinaridade. *Informática na Educação: teoria & prática*, Porto Alegre, v.8, n. 2, p.21-34, jul./dez. 2005.

Keywords: Interdisciplinarity. Transdisciplinarity. Reflexivity. Interculturalism. Projeto Tecnologias Digitais e Antropologia.

A socióloga austríaca Helga Nowotny afirmava, em 2004, na comunicação apresentada ao colóquio organizado por D. Sperber, *Repenser l'interdisciplinarité* que o “potencial da transdisciplinaridade reside precisamente em obter um resultado melhor para produzir uma ciência melhor”. Dizia também, no mesmo colóquio, que a idéia de transdisciplinaridade supõe uma perda, a unidade anterior do conhecimento, e uma esperança, que a transdisciplinaridade contribuirá para resolver essa perda fazendo-nos acreditar na resolução de problemas comuns através da justaposição de disciplinas. A mera justaposição das disciplinas não parece constituir solução. Se o objetivo é resolver um problema comum, os meios devem poder integrar perspectivas comuns na identificação, formulação e resolução do que pode ou deve vir a ser um problema partilhado. Isto não parece tarefa fácil, quer porque as divisões disciplinares tendem a perpetuar-se, quer ainda porque o discurso sobre a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade são ricos em paradoxos e a sua prática, por vezes, oportunista (SPERBER, 2003) ou exclusivamente voltada para a valorização econômica da pesquisa (PESTRE, 2003).

Há um consenso em torno do disciplinar como forma clássica produtora de uma cultura resultante de uma *linguagem* – jargão próprio de cada disciplina, de métodos de investigação específicos, de regras e constrangimentos *institucionais* – formação e investigação organizada em disciplinas, de *reconhecimento ou aceitação dos limites* – dificuldade ou impossibilidade de um investigador se tornar perito de diversas disciplinas. A disciplina remete simultaneamente para diversas áreas do saber, de compreensão, de atividade científica (ou artística), de ensino mas também para um processo disciplinador que assegura

que as disciplinas se alinhem, conforme Hacking (2003), se organizem no conjunto dos saberes, definam suas fronteiras, relações interdisciplinares privilegiadas, necessariamente flutuantes (flexíveis e fluidas) ao longo do tempo.

Na palavra transdisciplinaridade, conceito novo e ainda com contornos pouco claros no seu debate e obscuros nas suas práticas, o prefixo “trans” é comum à palavra transgressão. O saber é frequentemente transgressivo, mas muito mais a transdisciplinaridade por não respeitar as fronteiras disciplinares e institucionais. Daí, como afirma a mesma autora (NOWOTNY, 2004), que seja necessária paciência quando se trabalha na pesquisa transdisciplinar. A aprendizagem da transdisciplinaridade exige tempo, implicação e compromisso dos investigadores, dos acadêmicos, das suas instituições. Compreender a linguagem das outras disciplinas exige tempo. Exige igualmente tempo compreender os contextos de produção e de aplicação. Há necessidade de compreender a origem da pressão para resolver o problema. Estas questões contribuem e mostram que a ciência e a sociedade terão de ser tratadas como categorias problemáticas.

Mas o prefixo “trans” de disciplinaridade não remete apenas para a rebeldia na procura de novas soluções para a obtenção de melhores resultados para a ciência. Na perspectiva de Basarab Nicolescu (1999), físico teórico do CNRS, presidente do *Centre International pour la Recherche et Études Transdisciplinaires* e co-autor da “carta da transdisciplinaridade” “a transdisciplinaridade diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a *compreensão do mundo presente* para o qual

um dos imperativos é a unidade do conhecimento”.

A diferença da transdisciplinaridade em relação a uma multiplicidade de disciplinaridades (pluridisciplinaridade, multidisciplinaridade e interdisciplinaridade) induz na idéia de algo que está para além da disciplinaridade, através, ou ao revés, da disciplinaridade na procura de uma linha de reflexão (ou da problematização) acerca de problemas concretos. Sugere ainda a idéia de passagem, de transição, de mudança. Na transdisciplinaridade privilegiamos as características de transversalidade e de transcendência, estimando sinergias de encontro entre disciplinas e uma atividade transformadora e formadora de um novo campo de pesquisa.

Antes de prosseguir valerá a pena ver o que se diz acerca destes conceitos. Ficam algumas notas:

Disciplinaridade – Disciplina remete para preceitos e normas, para procedimentos corretos, para doutrina (teoria), para a autoridade de um saber organizado. Disciplinar sugere o sujeitar à disciplina, corrigir e até castigar. Ian Hacking salienta que a disciplinaridade, na sua raiz, lembra discípulo, que se bifurca em dois sentidos, o dos religiosos, sábios, engenheiros ou artistas que têm os seus discípulos (seguidores) e disciplina como áreas, campos de saber, de compreensão, de atividade. Também poderemos dizer que muitos investigadores são disciplinados pelas disciplinas, isto é, que padrões (ou patões) procuram com rigor manter as estruturas institucionais estabelecidas pela pesquisa (HACKING, 2004).

Interdisciplinaridade – Implica um diálogo e troca de conhecimentos, de análises,

de métodos entre duas ou mais disciplinas. Implica que haja interações e um enriquecimento mútuo entre vários especialistas. Transferências de métodos de uma para outra disciplina. Poderemos distinguir graus de interdisciplinaridade: de aplicação – métodos de uma disciplina utilizados por outra na resolução de um problema; epistemológico – a transferência dos métodos e da lógica formal do campo da disciplina para a reflexão epistemológica; de concepção de novas disciplinas – a transferência dos métodos de uma disciplina para outras disciplinas. A interdisciplinaridade ultrapassa as disciplinas mas a sua finalidade continua inscrita na investigação disciplinar.

Pluridisciplinaridade – É um encontro em torno de um tema comum entre investigadores, professores de disciplinas distintas em que cada uma conserva a sua especificidade e seus métodos. Trata-se de abordagens paralelas tendentes a um objetivo comum por adição das contribuições específicas. Num quadro de um desenvolvimento tecnológico, diferentes disciplinas ou atividades podem colaborar no tratamento de um subproblema. Consiste, pois, no estudo do objeto de uma só e mesma disciplina através de várias disciplinas conjuntamente. A gestão pluridisciplinar ultrapassa as disciplinas, porém as finalidades mantêm-se no âmbito da investigação disciplinar.

Transdisciplinaridade – Designa um saber que percorre diversas ciências sem se preocupar com fronteiras. São frequentemente referidos como bons exemplos a antropologia pré-histórica de André Leroi-Gourhan e a sociologia histórica de Norbert Elias ou ainda a noção de sistema em física, em biologia, economia e sociologia. Aponta simultaneamente para procedimentos entre

disciplinas, através das disciplinas, além das disciplinas. A sua finalidade é a compreensão do mundo presente, cujos imperativos são a unidade do conhecimento. A metodologia da investigação transdisciplinar assenta em três pilares: a dinâmica criada pela abordagem simultânea através de diversas disciplinas na abordagem de níveis diversos de realidade; a lógica do terceiro incluído ou de uma via ou caminho alternativo; a perspectiva da complexidade. Compreende uma competência transversal simultaneamente uma atividade, um mecanismo mental, um saber-fazer realizado por diversas disciplinas – capacidade de síntese oral e escrita, perspectiva reflexiva, atitudes epistemológicas.

A transdisciplinaridade presta-se a definições e interpretações múltiplas nas ciências mas também nas artes. Nas artes parece ligar-se a princípios da estética Wagneriana, *Gesamtkunstwerk*, de síntese das artes, isto é, de colaboração entre as diversas disciplinas artísticas. Esta concepção de interdisciplinaridade está longe de estar caduca como o demonstra Sally Jane Norman (1997), sobretudo quando se trata da relação das artes (mais tradicionais) com as novas formas artísticas decorrentes da “síntese numérica” ou da transformação digital. Neste âmbito muitos autores e os inquiridos no estudo realizado por Norman consideram que a transdisciplinaridade designa antes de tudo o encontro entre disciplinas artísticas e científicas e sobretudo a passagem da guerra das precedências nas relações hierárquicas ao mito da igualdade e representaria a simbiose complexa entre arte e tecnologia praticada, emergente na concepção e realização da produção artística.

A transdisciplinaridade é frequentemente enunciada como uma atividade liminar ou de

passagem. Com efeito, a atividade transdisciplinar como atividade liminar tem um estatuto ambíguo, seu percurso sujeito a múltiplas turbulências e provas no meio das quais se constroem experiências novas assentes em bases comuns de compreensão, entre oponentes ou participantes no processo, caracterizada por intenso trabalho de produção e à espera de objetivos (ou esperanças) ambiciosos, por vezes a instituição de novas disciplinas ou, pelo menos, o reconhecimento e instituição da própria transdisciplinaridade. Como atividade de passagem pressupõe a dúvida, o questionamento ou mesmo ruptura, separação ou recusa das práticas disciplinares. Pressupõe igualmente uma situação de prova em que se tecem novas solidariedades, se constroem novas alianças e novas referências, se alimentam esperanças de reentrada e reconhecimento, de produção de um novo saber a ser aferidos e credibilizados pela estrutura (instituição), por isso legitimadora das práticas institucionais anteriores e reconhecimento das novas - a liminaridade é legitimada pela sociedade e, em troca, legitima a estrutura social” (HOLM, 1996, p. 86). Finalmente, remete para a reincorporação, o retorno, a reentrada através de um ato de instituição que “tende a consagrar ou a legitimar, quer dizer a fazer desconhecer enquanto arbitrário e reconhecer enquanto legítimo, natural, *um limite arbitrário*” (BOURDIEU, 1986, p. 206), sancionando um estado de coisas, uma ordem estabelecida. O ato de instituição que legitima a organização de uma experiência, este ato de instituição “opera solenemente”, é “um ato de comunicação [...] significa para cada pessoa a sua identidade, mas no sentido em que ao mesmo tempo a exprime e a impõe a ela ao exprimi-la perante todos” (Bourdieu, 1986, p. 209). Este ato reconhece competências, cria simultaneamente direitos e obrigações,

desencoraja processos de transgressão, de deserção, de demissão.

Neste sentido, o ritual de instituição só ilusoriamente se pode considerar o fim de uma passagem, é sobretudo um reinício de uma atividade permanente, de relação com o terreno, de uma tomada de posição no debate teórico e metodológico e na estratégia institucional da disciplina. O ato de instituição tem também uma dimensão otimista, a de “fazer crer aos indivíduos consagrados que se justifica existirem, que a sua existência serve para qualquer coisa” (BOURDIEU, 1986, p. 235).

Como ato de instituição da transdisciplinaridade poderemos referir congressos ou atos públicos mais ou menos solenes como o da criação da «Carta da Transdisciplinaridade» proposta por Edgar Morin, Basarab Nicolescu e Lima de Freitas, em Novembro de 1994, no convento da Arrábida, no I Congresso Mundial sobre a Transdisciplinaridade organizado com apoio da direção-geral da UNESCO e em cuja organização participaram o físico Basarab Nicolescu, presidente do CIRET (*Centre International pour la Recherche et Études Transdisciplinaires*), Edgar Morin e Lima de Freitas, presidente do comité português do CIRET.

1 Carta da Transdisciplinaridade: Preâmbulo

Considerando que a proliferação atual das disciplinas académicas e não-académicas conduz a um crescimento exponencial do saber, o que torna impossível uma visão global pelo ser humano, Considerando que só uma inteligência que dê conta da dimensão planetária dos conflitos atuais poderá fazer face à complexidade do nosso mundo e ao desafio contemporâneo de autodestruição material e

espiritual da nossa espécie, considerando que a vida está fortemente ameaçada por uma tecnociência triunfante, que só obedece à lógica assustadora da eficácia pela eficácia,

Considerando que a rotura contemporânea entre um saber cada vez mais cumulativo e um ser interior cada vez mais empobrecido conduz à escalada dum novo obscurantismo, cujas conseqüências no plano individual e social são incalculáveis,

Considerando que o crescimento dos saberes, sem precedente na história, acentua a desigualdade entre os que os possuem e os que deles estão privados, gerando assim desigualdades crescentes no interior dos povos e entre as nações do nosso planeta,

Considerando, simultaneamente, que todos os desafios enunciados têm a sua contrapartida de esperança e que o crescimento extraordinário do saber pode conduzir, a longo prazo, a uma mutação comparável à passagem dos homínídeos à espécie humana,

Considerando o que precede, os participantes do Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade (Convento da Arrábida, Portugal, 2-6 de Novembro de 1994) adoptam a presente Carta compreendida como um conjunto de princípios fundamentais da comunidade dos espíritos transdisciplinares, constituindo um contrato moral que todo o signatário desta Carta faz consigo próprio, livre de qualquer constrangimento jurídico e institucional.

Artigo 1: Qualquer tentativa de reduzir o ser humano a uma definição e de o dispersar em estruturas formais, sejam elas quais forem, é incompatível com a visão transdisciplinar.

Artigo 2: O reconhecimento da existência de

diferentes níveis de realidade, regidos por diferentes lógicas, é inerente à atitude transdisciplinar. Qualquer tentativa de reduzir a realidade a um único nível regido por uma única lógica não se situa no campo da Transdisciplinaridade.

Artigo 3: A Transdisciplinaridade é complementar da aproximação disciplinar; ela faz emergir da confrontação das disciplinas novos dados que as articulam entre si e que nos dão uma nova visão da natureza e da realidade. A Transdisciplinaridade não procura a dominação de várias disciplinas, mas a abertura de todas as disciplinas ao que as atravessa e as ultrapassa.

Artigo 4: O elemento essencial da Transdisciplinaridade reside na unificação semântica e operativa das acepções através e para além das disciplinas. Ela pressupõe uma racionalidade aberta, por um novo olhar sobre a relatividade das noções de «definição» e de «objetividade». O formalismo excessivo, a rigidez das definições e a absolutização da objetividade comportando a exclusão do sujeito conduzem à deterioração.

Artigo 5: A visão transdisciplinar é deliberadamente aberta na medida em que ela ultrapassa o domínio das ciências exatas pelo seu diálogo e a sua reconciliação não somente com as ciências humanas mas também com a arte, a literatura, a poesia e a experiência interior.

Artigo 6: Em relação à interdisciplinaridade e à multidisciplinaridade, a Transdisciplinaridade é multireferencial e multidimensional. Tendo em conta a concepção do tempo e da história, a Transdisciplinaridade não exclui a existência dum horizonte transhistórico.

Artigo 7: A Transdisciplinaridade não constitui nem uma nova religião, nem uma nova filosofia,

nem uma nova metafísica, nem uma ciência das ciências.

Artigo 8: A dignidade do ser humano é também de ordem cósmica e planetária. O aparecimento do ser humano na Terra é uma das etapas da história do Universo. O reconhecimento da Terra como pátria é um dos imperativos da Transdisciplinaridade. Qualquer ser humano tem direito a uma nacionalidade, mas, sob o título de habitante da Terra, ele é simultaneamente um ser transnacional. O reconhecimento pelo direito internacional desta dupla pertença – a uma nação e à Terra – constitui um dos aspectos da investigação transdisciplinar.

Artigo 9: A Transdisciplinaridade conduz a uma atitude aberta em relação aos mitos e às religiões, por aqueles que os respeitam num espírito transdisciplinar.

Artigo 10: Não há um local cultural privilegiado donde seja possível julgar as outras culturas. A atitude transdisciplinar é ela própria transcultural.

Artigo 11: Uma educação autêntica não pode privilegiar a abstração no conhecimento. Ela deve ensinar a contextualizar, concretizar e globalizar. A educação transdisciplinar re-valoriza o papel da intuição, do imaginário, da sensibilidade e do corpo na transmissão dos conhecimentos.

Artigo 12: A elaboração duma economia transdisciplinar fundamenta-se no postulado de que a economia deve estar ao serviço do ser humano e não o inverso.

Artigo 13: A ética transdisciplinar recusa toda a atitude que rejeita o diálogo e a discussão, de qualquer origem – de ordem ideológica, científica, religiosa, econômica, política, filosófica. O saber partilhado deve conduzir a

uma compreensão partilhada, fundada sobre o respeito absoluto das alteridades unidas por uma vida comum numa única e mesma Terra.

Artigo 14: Rigor, abertura e tolerância são as características fundamentais da atitude e da visão transdisciplinares. O rigor na argumentação que entra em conta com todos os dados é o guardião relativamente aos possíveis desvios. A abertura comporta a aceitação do desconhecido, do inesperado e do imprevisível. A tolerância é o reconhecimento do direito às idéias, comportamentos e verdades contrárias às nossas.

Artigo final: A presente Carta da Transdisciplinaridade é adotada pelos participantes do Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, sem apelo a qualquer outra autoridade que não seja a da sua própria atividade.

Segundo os procedimentos que serão definidos de acordo com os espíritos transdisciplinares de todos os países, a Carta está aberta à assinatura de qualquer ser humano interessado pelas medidas progressivas de ordem nacional, internacional e transnacional pela aplicação destes artigos na vida. (Convento da Arrábida, 6 de Novembro de 1994)

2 Liminaridade de uma experiência interdisciplinar ou transdisciplinar

As considerações anteriores, mas sobretudo as apresentadas no colóquio *on-line* organizado por Dan Serber com o objetivo de “aprofundar o impacto da internet na pesquisa interdisciplinar e, ao mesmo tempo tornar mais precisa a sociologia, a epistemologia, a história e a metodologia da pesquisa interdisciplinar” remeteram-nos para o aprofundamento desta

problemática no âmbito do projeto de investigação *Tecnologias Digitais e Antropologia*.

O projeto TDA situa-se na confluência de três eixos do desenvolvimento atual das Ciências Sociais e da Antropologia em particular: da utilização das tecnologias digitais (novos media) na pesquisa qualitativa; dos métodos da antropologia visual (visuais e sonoros) e multimídia/hipermídia na etnografia (método etnográfico) e na antropologia; e das conseqüências resultantes da introdução de novos paradigmas e novas tecnologias da representação – turbulências na tradição acadêmica, exigências resultantes de uma emergente sociedade do conhecimento, interesse do mercado pelos produtos culturais.

O projeto propõe-se, na era da transformação digital, explorar as potencialidades e oportunidades das tecnologias digitais na sua forma escrita, visual, sonora, audiovisual e hipermídia na investigação e na comunicação científica entre investigadores, para públicos mais alargados e no ensino.

A investigação fundamental e experimental está a ser realizada em Portugal pelo CEMRI - Laboratório de Antropologia Visual da Universidade Aberta em Portugal e no Brasil pelo Núcleo de Pesquisa em Hipermídia da Universidade Católica de S. Paulo e do programa de pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie e enquadrará projetos individuais de pesquisa no âmbito de realização de trabalhos académicos de mestrado, doutoramento e pós-doutoramento em antropologia visual e em comunicação e semiótica. Prevê ainda, o projeto, a necessidade de gerar ações, atividades e

produtos de extensão (serviço) à comunidade (iniciação às tecnologias digitais e às narrativas visuais/digitais e hipermídia dirigidas a jovens, formação de professores e agentes culturais e desenvolvimento de boas práticas e produtos de divulgação da cultura).

Partindo de duas experiências locais desenvolvidas nos dois centros/núcleos de estudos participantes propõe-se, no projeto, alargar a experiência a outros países de língua oficial portuguesa e/ou comunidades lusofalantes, disponibilizá-la para os investigadores e estudantes envolvidos no projeto e abri-la à sociedade. Contribuindo assim para a criação de um espaço de criatividade na produção de novas linguagens para a ciência (antropologia e a cultura), de trocas de experiência entre docentes e estudantes dos dois países envolvidos no projeto (Portugal e Brasil) abertos a outros lugares e países, de estudos comparativos, contrastivos ou co-participativos que só o desenvolvimento recente das tecnologias digitais tornou realmente possível ou pelo menos exequível sem grandes investimentos em deslocações e na troca dos resultados da produção científica.

O projeto *Tecnologias Digitais e Antropologia*, ainda no seu início, está em vias de se alargar não só aos países de língua portuguesa mas a Espanha, Universidade de Múrcia e a participar no âmbito da expressão ibérica e a propor um grupo de trabalho ao II Congresso *on-line* do Observatório para a Cibersociedade³ subordinado ao tema.

2.1 Na direção de qual sociedade de conhecimento?

A questão da inter ou da transdisciplinaridade surge neste projeto como uma questão inicial resultante da diversidade

das abordagens disciplinares dos investigadores participantes, de práticas diferenciadas de utilização de tecnologias digitais, mas também do fato de pertença a contextos sócio-culturais e institucionais (cultura universitária) muito diferenciados. Para além do confronto com objetivos, métodos e linguagens específicos e métodos das sub-culturas disciplinares, iam surgindo em diferentes graus o confronto entre as práticas desenvolvidas pela antropologia visual (cinematográfica ou sobretudo videográfica) e o hipermídia e sobretudo a sua convergência através das tecnologias digitais (pós-cinema, Stam, 1999, era da reprodução técnica (Benjamin) e da transformação digital (Jenkins)) e outras particularidades não menos manifestas que cada grupo e cada investigador traz para o projeto . Modos de pensar e culturas diferentes (das disciplinas, dos contextos de produção de conhecimento e de produtos...).

Poderíamos optar por encontrar, ou negociar denominadores comuns, mesmo que mínimos, que permitissem a eficácia da pesquisa ou a sobreposição, dominância ou hegemonia de qualquer uma sobre a outra das partes. Veja-se a este respeito o grupo de cientistas de várias áreas, de proveniências diversas (universidades grandes e pequenas, locais e das grandes metrópoles, nacionais ou de institutos de cooperação internacional) num mesmo terreno – algures na orla da floresta amazônica, utilizando tecnologias diferenciadas, estudando um mesmo problema e “às voltas com um interessante conflito cognitivo disciplinar” (e de transformação do trabalho de campo em linguagem) e o trabalho do antropólogo que Latour descreve na sua “montagem fotofilosófica” – *Referência circulante, amostragem do solo na floresta amazônica* (2001, p. 39-96). Interessava porém partir desta diversidade e desta complexidade

e entendê-la como riqueza de um processo de pesquisa sabendo que o processo exigia paciência, tempo, disponibilidade para a compreensão recíproca, implicação e compromisso entre investigadores e das instituições implicadas.

A reflexão que nos é pedida para a elaboração deste artigo vem pois muito tempo antes de termos idéias mais claras do que resulta da introdução do conceito de interdisciplinaridade e de transdisciplinaridade como proposta de base para o desenvolvimento do projeto Tecnologias digitais em antropologia. Deixamos pois à consideração dos leitores o que então formulamos para debate no grupo de pesquisa então criado. Sabemos o risco de nos expormos num texto que não é mais que uma proposta inicial de reflexão, mas também o enriquecimento que poderão constituir os comentários, que a escrita uma vez dispersa e disseminada através deste meio possa contribuir sobretudo para nós mesmos.

2.2 O que nos propomos como um dos primeiros passos no desenvolvimento deste projeto de investigação?

Propomos uma atitude reflexiva, isto é, uma atitude de reflexão sobre a nossa própria atividade a partir da posicionalidade resultante dos contextos sócio-culturais dos participantes e dos seus percursos individuais de investigação, da singularidade dos núcleos de pesquisa envolvidos neste projeto de investigação e das suas práticas. Propomos também a convergência em objetivos partilhados e o desenvolvimento de uma prática interdisciplinar e intercultural que valorize a integração da diversidade de experiências e de práticas, da unidade e diversidade lingüística e da utilização da instrumentação tecnológica

como meio ou ferramenta do pensamento, da criatividade, de comunicação entre pares, no ensino e na abertura do conhecimento adquirido ou construído à sociedade.

Elegemos, pois, os conceitos de reflexividade, interdisciplinaridade e interculturalidade e as práticas deles resultantes como eixos centrais do desenvolvimento do projeto de pesquisa. A interdisciplinaridade não será apenas cosmética ou simplesmente a justaposição de disciplinas de cada um dos núcleos de pesquisa, programas de formação ou atividade de ensino. Nem apenas um discurso, mas uma prática simultaneamente refletida, reflexiva, aberta. Não pretendemos negar a especialidade, o objeto e a história de cada ciência, de cada disciplina, de cada campo específico do conhecimento. O que se pretende é superar a separação extrema entre as disciplinas, a hiperespecialização ou a idéia de que o conhecimento se processa em campos fechados em si mesmo, nem mesmo “a separação entre disciplinas do mesmo domínio e a reflexão filosófica”, conforme Castoriadis, ou até a separação radical entre ciências e artes. Pretendemos desenvolver a nossa pesquisa através do reconhecimento das interdependências e da criação de pontes e conexões recíprocas entre culturas, disciplinas, práticas e experiências diferenciadas, certos de que “*a exigência interdisciplinar impõe a cada especialista que transcenda sua própria especialidade, tomando consciência de seus próprios limites para colher as contribuições das outras disciplinas*” (GUSDORF, 1976). A interdisciplinaridade constitui-se assim como aspiração emergente de superação da racionalidade científica hegemônica. Aparece como outra forma de produção de conhecimento, de construção de novos paradigmas científicos, de articulação da

pluralidade dos saberes de formas e níveis de saber em torno de problemáticas comuns, de desenvolvimento de trocas de experiências e modos de realização de parcerias, de aproximação do conhecimento à sociedade.

Algumas razões justificam atualmente o desenvolvimento da interdisciplinaridade como alternativa ao fazer científico: a insatisfação com os procedimentos adotados pelas disciplinas e com o saber por elas construído acerca da sociedade; a consciência de que os objetivos do conhecimento já não cabem no âmbito do saber disciplinar ou que as suas explicações se mostram insuficientes perante os desafios atuais; a emergência de novas tecnologias do saber, novos olhares e procedimentos que, não se contentando em melhor se adequarem à natureza do objeto, põem em causa a própria noção de objeto, ou melhor, de um objeto “ali”, destacado e independente do olhar e da manipulação do investigador ou mesmo do mero observador.

Além destas razões teóricas ou meta-teóricas há razões mais pragmáticas determinadas pela pressão acelerada da profissionalização das ciências sociais e humanas; da consciência de múltiplas limitações - geo-político-acadêmicas, dependentes de onde se está na relação centro - periferia e com quem se conta para “dar peso” a um projeto local; da escassez de recursos humanos especializados e de recursos materiais – financeiros e logísticos (prédios, salas, equipamentos, materiais de consumo, etc.) para realizar o projeto disciplinar; dos limites da própria capacidade ou interesse de institucionalização de algumas disciplinas no campo acadêmico. Neste caso, a interdisciplinaridade é mais uma injunção ou uma pressão que uma opção, aquiescência e não uma ruptura com padrões precedentes de

construção do saber. Trata-se mais da administração da escassez do que da transgressão de fronteiras que se esgotaram em sua capacidade de conter a proliferação de estratégias de conhecimento e de encontrar soluções para os problemas que há para resolver.

Dos discursos críticos e da pressão pragmática brotam outras razões para o desenvolvimento da interdisciplinaridade: uma resultante do fascínio pela pluralidade, pela fragmentação específica do contexto estético e sócio-histórico, outra pelas estratégias econômicas por vezes ligadas à produtividade e ao reconhecimento da ciência pelo mercado. Poderemos dizer que as mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais da sociedade atual criaram condições propícias para a interdisciplinaridade mas também que a investigação decorrente desta abordagem se debate com problemas específicos na medida em que se opõe à organização tradicional acadêmica disciplinar da ciência e do conhecimento. Longe de qualquer consenso a interdisciplinaridade é considerada por uns como um desafio e por outros como um devaneio ou uma inovação fútil ou ainda, para outros, um determinismo da sociedade atual.

Situamo-nos na encruzilhada de razões de natureza sociológica, epistemológica e histórica mas também no âmbito da micro-política da ciência. O discurso acerca da interdisciplinaridade não é nem panacéia e remédio para os problemas da ciência ou da sociedade, nem determinismo decorrente do contexto sócio-histórico e cultural atual. Não deverá ser *somente oportunista (forma de exploração de oportunidades) mas pertinente para a nossa compreensão do caráter do devir das ciências* (SPERBER, 2003).

A interdisciplinaridade remete também para um aprofundamento reflexivo, isto é, para a tomada de consciência da influência do investigador no processo de pesquisa. O investigador faz parte da problemática a estudar. A reflexividade aponta, sobretudo quando se trata da realização de trabalho de campo em antropologia a nas ciências sociais, para um encontro entre culturas. Aí

a percepção da sua própria subjetividade como fazendo parte da relação com o outro (o objeto) que se trata de construir o mais objetivamente possível. Pouco importa que o antropólogo (ou qualquer investigador) provenha ou não da cultura que estuda (KILANI, 1994).

No projeto de investigação *Tecnologias Digitais em Antropologia*, situamos o debate e a prática interdisciplinar a partir de uma multiplicidade de pontos de vista a explorar.

Em primeiro lugar, as relações entre as disciplinas envolvidas no projeto e objeto de estudo nos núcleos de investigação e de práticas docentes ou profissionais dos investigadores envolvidos no projeto:

1. Antropologia e semiótica.
2. Ciências da cultura. Além da antropologia, a sociologia, a teoria e história da cultura;
3. Cultura, ciência e tecnologia.
4. Relação das ciências sociais referidas com as tecnologias da representação na era digital (escrita, fotografia, cinema, som, audiovisual e hipermídia) ou as tecnologias digitais na investigação, na comunicação/disseminação do conhecimento em situações de ensino ou de extensão à comunidade.

Em segundo lugar, a interdisciplinaridade e interculturalidade decorrentes das práticas e experiências de pesquisa desenvolvidas a partir dos núcleos envolvidos no projeto e construídos a partir de contextos culturais e institucionais

diferenciados e das formas de abertura do conhecimento à sociedade (identidade cultural local, língua portuguesa como veículo privilegiado das interações, abertura à comunidade dos países de língua portuguesa, inserção da pesquisa no debate internacional mais alargado sem perda das características, identidade e formas locais).

Finalmente, a indissociabilidade entre o saber acadêmico e todas as formas de extensão à comunidade; entre a investigação, o ensino, a iniciação, o trabalho na comunidade, o mercado.

2.3 Propostas para uma primeira abordagem, para uma primeira reflexão

1. <http://www.interdisciplines.org/interdisciplinarity> - Repenser L'interdisciplinarité. Este colóquio teve como objetivo aprofundar o impacto da Internet na pesquisa interdisciplinar e simultaneamente precisar melhor a sociologia, a epistemologia, a história da metodologia de pesquisa interdisciplinar.

2. <http://www.fes.umontreal.ca/sha/Interdisciplinarite/section1/index.html> *Interdisciplinarité et la recherche sociale appliquée* – Universidade de Laval, Canadá.

3. http://www.revue-texto.net/lnedits/Rastier_Action/Rastier_Action.html - François Rastier, *L'action et le sens pour une Sémiotique des Cultures*, C.N.R.S.

4. <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/mathesis/vocabulario-interd.pdf> Olga Pombo, *Contribuição para um vocabulário sobre interdisciplinaridade*. (vocabulário-interd.pdf)

5. Olga Pombo, *Interdisciplinaridade: conceito, problemas e perspectivas, interdisciplinaridade_1. pdf*

6. Carlos Pimenta, *Complexidade e Interdisciplinaridade, Complex_interdisciplinar.pdf*

7. Elisa Guaraná de Castro, Estudos de Comunidade: Reflexividade e etnografia em Marvin Harris (Reflexividade_MH.pdf) <http://www.ufrj.br/editora/Rch/Vol23%20n2/10%2001h04.pdf>

8. *A reflexividade como elemento da prática docente: alguns limites para sua efetivação - o caso da informática na Educação.* <http://168.96.200.17/ar/libros/anped/0823T.PDF> (Reflexividade_infoEDUC.pdf)

Referências

BAIRON, Sérgio. **Interdisciplinaridade, educação, história da cultura e hipermídia.** São Paulo: Edição Futura, 2002.

BOURDIEU, Pierre. Les Rites comme Actes d'Institution. In: **Les Rites de Passage Aujourd'hui:** Actes du colloque de Neuchâtel 1981, Lausanne: Editions L'Age d'Homme, 1986, p. 206-215.

GHASARIAN, Ghristian (org.). **De l'Ethnographie à l'Anthropologie Réflexive.** Paris : Armand Colin, 2002.

HACKING, Ian. **Entre Science et Réalité, la construction sociale de quoi ?** Paris: Éditions de la Découverte, 2001.

HOFSTADTER, Douglas R. **Gödel, Escher, Bach, laços eternos.** Lisboa: Gradiva, 2000.

HOLM, Jean; BOWKER, John. **Ritos de Passagem.** Lisboa: Publicações Europa-América, 1994.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e Patologia do Saber,** Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LEROI-GOURHAN. **O Gesto e a Palavra, técnica e palavra,** Lisboa: Edições 70, 1985.

NOWOTNY, Helga. **Repenser la Science, savoir e société à l'ère de l'incertitude,** Paris: Débats Belin, 2001.

_____. The Production of Transdisciplinarity. In: **Transdisciplinarity: Joint Problem Solving among Science, Technology, and Society.** An Effective Way for Managing Complexity. J. Thompson Klein, W. Grossenbacher-Mansuy, R. Häberli, A. Bill, R.W. Scholz, M. Welti (Ed). Basel/Boston/Berlin: Birkhäuser Verlag, 2001, p. 67-80.

RIBEIRO, José da Silva (2003), **Métodos e Técnicas de Investigação em Antropologia,** Lisboa: Universidade Aberta, 2003.

_____. **Antropologia Visual da Minúcia do Olhar ao Olhar Distanciado,** Porto: Afrontamento, 2004.

_____; BAIRON, Sérgio. **Hipermé(i)dia e Antropologia,** DVD, Porto: Laboratório de Antropologia Visual, São Paulo: Núcleo de Pesquisa em Hipermídia, 2004.

SIROT, Jacques; NORMAN, Sally Jane. **Transdisciplinarité et Genèse de Nouvelles Formes Artistiques.** Paris, Délégation aux arts plastiques, 1997. <<http://www.olats.org/OLATS/livres/etudes/norman.htm>>

Recebido em novembro de 2005

Aceito para publicação em dezembro 2005

José da Silva Ribeiro

Professor visitante [Univ. Aberta – Lisboa – Porto]
na Universidade Presbiteriana Mackenzie 2002 – 2004.
E-mail: jsribeiro@tvitel.pt

